

# Somos aqueles que estávamos esperando

Norte Comum

*O Norte Comum é um criador de existência e liberdade. Um laboratório de pesquisa e relações que gera ações na cidade. Se conecta com o presente e com as forças abafadas por ele. Não aspiramos um ponto no futuro, um ideal, e sim uma direção ao movimento infinito, ao encontro das forças do presente que o estado atual não deixa vir à tona. O pensamento vive através de sua ação. Um corpo sem forma dada que tem como elementos a cultura, a política e a amizade; para furar as muralhas invisíveis das distâncias de classe e aproximar pessoas que não eram para se conhecer.*

## **Porta de entrada**

Pode abrir os olhos. Sente os ruídos? Os carros no viaduto da linha amarela, o trem passando ao longe, o silêncio das casas velhas que ainda usam a calçada. Estamos no subúrbio do terceiro mundo. Você está passando por um portão grande. Dá bom dia para os seguranças. Recebe permissão para seguir. Seguimos juntos. Te mostro as curvas das árvores que desenham sombras no chão a qualquer hora. Te mostro os prédios. Você repara na cor branca, nas rachaduras, no silêncio que volta e meia é rompido por gritos, nas grades azuis que fatiam a visão. Andamos mais um pouco, vemos o Enock dormindo sentado na cadeira de praça sem praça. Paramos em frente de um prédio que tem as janelas escondidas por trás de um cobogó de bolinhas.

Os seguranças da portaria chamam de Casa do Sol. Apesar do nome, a luz entra muito pouco lá. Muita gente chama de Hotel da Loucura, por causa da ocupação cultural que acontece desde 2012 no terceiro andar da enfermaria que está sendo desativada aos poucos. Você quer ir de elevador, eu te

chamo pela escada. Você repara nas paredes azuis, e na temperatura fria delas. Subimos as escadas, passamos por um andar vazio. Você começa a reparar nas tatuagens que vão surgindo no corpo do prédio. Palavras, desenhos, *stencils*. Conseguir sentir a presença daqueles que passaram por ali e deixaram a sua marca? Mãos e tijolos. As imagens enchem nosso caminho de ideias. Chegamos no terceiro andar.

Você escuta o barulho do sax de Matraca e da tuba de Gert. Paula faz bonecos com bexiga e jornal, André carrega três bolsas no pescoço e fala no telefone: tem alguém aí? Vitor dança com Mirian, que canta (Somos um círculo/dentro de um círculo/sem início/e sem fim). Pelezinho te puxa pelas mãos, agora, canta suas músicas e faz embaixadinhas. Te mostra com alegria de criança as frases escritas na parede, declama as poesias e conta sobre a venda de seus CDs. Te fala de cada um que passou por ali. Sente a presença? O Rei está no trono - Reginaldo te olha com a calma de sempre, e lhe dá bom dia. Seja bem-vindo.

Como dar conta de uma experiência coletiva, sem cair na ilusão da representação? Não falar por, não dar voz, nem levar nada para ninguém. Todas as pessoas produzem sentidos, discursos e cultura. Todos somos, todos podemos.

“Tudo está dito / Tudo está visto / Nada é perdido / Nada é perfeito / Eis o imprevisto / Tudo é infinito” (Augusto de Campos, 1974)

Na tentativa de transpor a dimensão do Hotel da Loucura - uma experiência que só pode ser sentida - para dentro das margens do papel, das amarras da língua; tentamos trazer a leveza do corpo que canta, dança e abraça, celebrando a convivência e o cuidado com o outro, com a diferença.

Produzimos os textos por meio de diferentes impulsos e motivações, depois reunimos e misturamos essas produções textuais com olhares distintos e complementares e as trançamos num corpo só.

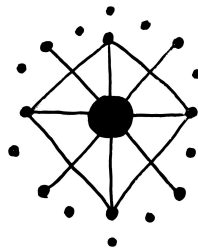
O texto é como uma janela gradeada que atravessa a visão mas não a anula, um mosaico composto por fragmentos de visão que, por sua vez, compõe uma imagem: o Hotel da Loucura.

MANUAL DE LEITURA - EXPLICAÇÕES E CAMINHOS - NÃO QUEIRA ENTENDER, SINTA.

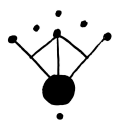
Cada símbolo representa uma criação, o todo antes de ser fragmentado.



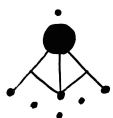
**“Somos aqueles que estávamos esperando”** - Texto produzido por várias mãos que reflete subjetivamente a experiência individual e coletiva no Hotel da Loucura. Palavras ao vento. - PARA LER COM VOZ ORACULAR, COMO QUE ECOADA PELOS CORREDORES DO HOTEL DA LOUCURA, COMO OS GRITOS QUE VEM DAS ENFERMARIAS.



**“Outros Espaços”** - Debatendo e trazendo à tona nossas vivências através de uma linguagem própria, *Outros Espaços* é um filme em andamento, com roteiro, produção e equipe de filmagem toda nossa. Falará sobre o Hotel e os coletivos ali residentes, questionando desde as formas de criação até surgimento de um centro artístico num manicômio. O que isso diagnostica na nossa cidade, quantas são as contradições e invenções no nascimento dessa ocupação autônoma? As falas são trabalhadas de forma que se monte um pensamento fluido a partir do que os entrevistados sentem da cidade, afim de entender as motivações que os levam a ocupar as enfermarias do HL - PARA LER COM OS OUVIDOS ATENTOS ÀS MÚLTIPLAS VOZES.



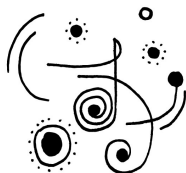
Nós por nós - uma abordagem interna. Transcrição do diálogo entre os membros do NC, o primeiro passo na realização do filme. Discutimos assuntos em torno da pauta proposta em *Outros Espaços*, buscando capturar a essência do trabalho do Coletivo.



Eles e nós - uma abordagem externa. Transcrição da entrevista feita pelo NC com o Coletivo Vô Pixá Pelada, residente do Hotel da Loucura desde o final de 2013<sup>1</sup>.



**“Transitografia”** - Citações, poesias, músicas, fotos, frases que nos saltam aos olhos e estão alinhadas com nosso discurso. - OBSERVAR COMO AS PAREDES DO HOTEL DA LOUCURA SÃO PRESENTES EM NOSSAS VIDAS.



**“É preciso expressar a vida”** - dicionário afetivo construído coletivamente com palavras que permeiam nosso dia a dia - LER PROFUNDAMENTE, COMPREENDENDO A POTÊNCIA DAS PALAVRAS. O TEXTO É COMO UMA JANELA GRADEADA. SEPARADO POR PARTES QUE NÃO TE IMPEDEM DE VER, MAS FRAGMENTAM A SUA VISÃO. PRESTE ATENÇÃO ÀS PARTES, QUE VAI PERCEBER QUE ELAS COMPÕEM UM TODO.

---

<sup>1</sup> O Coletivo Vô Pixá Pelada nasceu de um senso de coletividade aliado a uma dose de insatisfação e fortes desejos de participar da construção do pensamento da cidade. O nome veio a partir de um *funk* da MC Debby, “Vou dançar pelada”. Decidimos lidar, já de cara, com o que chamam de subcultura carioca, mas que, na verdade, é o melhor motor de alteridade. Propomos a antropofagia de toda a alienação gratuita e devolvemos meio que por vômito, meio que por arroto, com uma carga de humor e ironia.



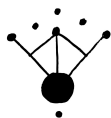
## **con·ta·to**

*substantivo masculino*

1. Estado dos corpos que tocam uns nos outros.
2. Relação dessa comunicação.
3. [Figurado] Proximidade, influência.



Preciso ser um outro diante da loucura para ser eu mesmo. Existir onde me desconheço, para estar entregue à ressonância dos encontros, onde o mistério vibra o corpo, ao guardar a luz de um olhar no estojo da alma. É o fim e o começo do sujeito-mundo. É preciso ser um novo, de novo, de novo... Se colocar sensível às tensões entre os corpos e à relação destes com o espaço possibilita libertar nossas manifestações expressivas. A linguagem corporal, mídia primária da cultura, é a interseção entre o mundo interno e o externo, impressões e expressões.



Eu cheguei na galera mais ou menos ao mesmo tempo em que iniciamos a ocupação no Hotel da Loucura, e, ao meu ver, foi lá que a parada começou a se entender como um grupo organizado, de fato. Achei muito importante, nesse processo, que inclusive gerou um entendimento mais subjetivo sobre as coisas que a gente faz, nos permitirmos ao erro e a comportamentos que poderiam ser estranhos se não compartilhássemos de ideias lançadas por pessoas que já estavam ocupando aquele lugar. Sobre realmente se permitir à loucura, ao delírio - **gê**

O trabalho do Norte Comum começou em 2011, e do final de 2012 para o começo de 2013, foi como se um vulcão explodisse, e começasse ali uma nova configuração. Assim que nos conhecemos, em 2011, chegamos a procurar um lugar, mas claro que não conseguimos encontrar, nem era o momento, partimos para as ruas, praças, no trânsito da multidão. Mas depois de um tempo é necessário achar um espaço para conseguir aprofundar mais as relações uns com os outros, e tentar criar um sistema que não se dilua como na movimentação dos espaços públicos. E, por acaso, a gente tropeça no Hotel. Não teve nada planejado, a gente ainda estava se conhecendo e se entendendo. Vimos que, dentro de um

espaço, entendemos com mais clareza o que estamos fazendo, e como se dão as dinâmicas de estímulo de grupo. Só que o Hotel tem uma diferença dessa casa aqui (atual sede do Norte Comum em Benfica) e de outros lugares... pra criação, o Hotel talvez seja o templo da criatividade, muita coisa é permitida ali, e ao mesmo tempo as coisas mais essenciais são proibidas. Como o direito à vida, à cidade, a se relacionar com as pessoas. É uma prisão. A gente tá dentro de uma prisão se sentindo livre. O Hotel tem uma dinâmica muito específica, uma história muito carregada, de resistência pela criatividade e pela arte, e o espaço afeta a gente, assim como as pessoas afetam o espaço. A importância da ocupação se dá nos vários trabalhos instalados, nas diferentes realidades compartilhando o mesmo espaço, e também na capacidade de aproximar pessoas muito diferentes através de amizades. A contemplação é coletiva - **carlos**

O espaço afetando as pessoas é um debate sério na geografia, a gente sempre estuda o espaço sob o aspecto do homem modificando o meio, como um agente que detém conhecimento e modifica a paisagem. Pouco se reconhece do efeito da paisagem no homem. E o Hotel é um exemplo muito forte de como o espaço mexe com nossos corpos. Se você vai da ocupação artística do Hotel da Loucura para o andar de cima, onde ainda funcionam as enfermarias, a sensação no corpo é muito discrepante - **gabi**



### **tem·plo**

*substantivo masculino*

1. Casa de oração em que se adora uma divindade; igreja.
2. Sinagoga, mesquita.
3. A Ordem dos Templários.
4. [Figurado] Lugar sagrado ou venerável.



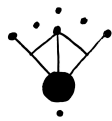
O chão do meu terreiro fica no fim do mundo, no fim do fundo, no fim do fim, o Instituto Municipal Nise da Silveira. Nesse espaço incomum, dotado de um norte comum - afeto -, emerge uma das mais profundas experiências de convivência e criação na cidade, o Hotel da Loucura. Subvertemos a lógica do manicômio, propondo

transformar os mapas sociais através da alegria de ver crescer o desejo de construção de novos códigos culturais, que enfrentem os obstáculos reais que os “órgãos especializados” não deram conta.



Como é que foi essa chegada/adaptação no hospício?

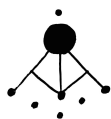
Foi bem difícil, nenhum membro do coletivo tinha algum envolvimento com saúde mental. Ninguém conhecia mesmo, a maioria nunca tinha entrado dentro de um espaço como esse. E foi uma descoberta muito boa, perder esse medo e desvendar a história daquele lugar. Poucos conheciam a Colônia Juliano Moreira, já que alguns membros moravam na Zona Oeste, então nossa experiência vinha mais de lá, que já é um outro espaço. De cárcere também, mas bem diferente de como é aqui



Os espaços e aparatos culturais do Rio de Janeiro não dão conta da quantidade de pessoas e grupos que precisam se organizar, principalmente quando falamos de lugares na Zona Norte e no subúrbio. E acho que é por isso que a gente acaba procurando locais alternativos que possam receber essa galera toda. E movidos por essa dificuldade chegamos ao Hotel da Loucura. Jamais pensei em trabalhar dentro de um hospital psiquiátrico, nunca tinha entrado num lugar desses, e pensava como seria possível fazer nosso trabalho ali dentro. Adentrar nesse campo desconhecido me fez desconstruir muita coisa, principalmente em relação aos meus medos e preconceitos, e saber que tudo que fazemos ali dentro tem tudo a ver com saúde. Lá tudo flui de uma forma muito orgânica, a relação é verdadeira e afetuosa, e aqueles que a princípio conhecemos não pelo nome, mas como “pacientes”, hoje são nossos amigos, nos chamamos pelo nome, nos abraçamos, nos beijamos, nos tocamos... É preciso estar de verdade no Hotel da Loucura, com o coração aberto para se entregar a um mundo outro. Ninguém está ali por obrigação, a coletividade é que nos faz sonhar - **marcell**

Nosso aprendizado maior foi chegar lá sem saber o que esperar ou como agir. Fomos abertos à experiência, a construir em processo. O Norte, em sua trajetória, é composto por pessoas que

se propõem a agir muito fora da sua zona de conforto, e chegar no Hotel, que se propõe ao inesperado, gerou uma construção muito baseada no afeto, e de conhecimento mútuo. Aprendemos a lidar com o espaço, com a Soninha, a Mirian, ao longo do tempo. Uma das coisas que a gente traz, e pode carregar para outras experiências, é estar sempre aberto a aprender, nada está pré-estabelecido, as coisas vão se construindo. Então se propor a trabalhar com uma coisa totalmente nova, às vezes, é meio bizarro, você fica meio perdido, mas na verdade pode ser muito mais fluido, mesmo que desafiador, se comparado a um trabalho que você já está habituado. E nossa entrada no Hotel foi muito na base do inesperado, da possibilidade, com abertura completa para o que pudesse vir e aceitação dos processos pessoais e coletivos. Entendemos que o novo surge o tempo todo. Foi um processo de compreensão do processo coletivo eternamente mutante e mutável - **gabi**



Como surgiu o coletivo?

E como vocês conheceram o Hotel?

O trampo do Coletivo surgiu numa ação nas eleições de 2012, era uma ação política bem isolada, e por conta de uma ameaça de morte aos participantes dessa ação, acabou-se criando o coletivo para proteger a identidade das pessoas. A gente chegou no Hotel através da rede do Norte Comum, numa convocatória de uma reunião para conhecer o espaço e o coletivo. E já vão fazer dois anos que a gente se aproximou do espaço. Nesses dois anos, estou a seis meses morando aqui do lado, e isso já diz bastante coisa. Eu me mudei pra ficar mais perto.



### **coi·sa**

(latim *causa*, -ae, causa, razão)

*substantivo feminino*

1. Objeto ou ser inanimado.
2. O que existe ou pode existir.
3. Negócio, fato.
4. Acontecimento.
5. Mistério.
6. Causa.
7. Espécie.
8. Qualquer objeto que não se quer ou não se consegue nomear (ex.: *dá-me essa coisa aí*).





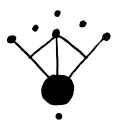
“NÃO BASTA O SABER DENTRO DAS CUCAS ILUMINADAS, É PRECISO SABER MEXER COM AS COISAS”<sup>2</sup>



Coisas essas que toquem a verdade que dorme dentro do corpo e criem um canal possível e aberto, no qual a delicadeza incompreendida da loucura nos ensine a maestria da alegria e do sofrimento, a capacidade de se encantar, e de ter fé num sonho coletivo, pois as minhas dificuldades e limitações são nossas.



“Corpo presente / Atento e ativo / Altivo, vivo / Corpo ser / Essência / Em potência / A boca cheia / Pra falar do movimento / Arripio” (Gabriela Faccioli)



O que mais me chama atenção com relação ao Hotel é que ele realmente é produtor de conhecimento. Essa crise que se vive no mundo, a falta de referências e objetivos comuns, tá ai circulando, eu vejo diversas pessoas sem rumo, perdidas. E é impressionante que os estímulos que tenho com o Hotel da Loucura me guiam para outros lugares e me tornam mais sensível para identificar o que compõe minha natureza - **edu**



### ***afeto lét***

*substantivo masculino*

1. Impulso do ânimo; sua manifestação.
2. Sentimento, paixão.
3. Amizade, amor, simpatia. adjetivo
4. Dedicado, afeiçoado.
5. Incumbido, entregue.



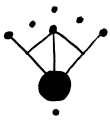
### ***movimento***

*substantivo masculino*

1. Ato ou efeito de mover ou de mover-se.
2. Mudança de lugar ou de posição.
3. Evolução.
4. Agitação.
5. Animação.
6. Revolta; sedição.
7. Giro.
8. Marcha (dos corpos celestes).
9. Gesto, ademane.

---

<sup>2</sup> Amena Mayall (Extraído do trecho “é preciso tomar o que é nosso por direito” da “Carta poema das sociedades secretas”, 1975).



O cuidado com o outro, que não deixa de ser o cuidado consigo, ecoado nos corredores em músicas do Ray Lima, me marcou muito quando cheguei no Hotel, e ainda marca muito a forma de nos relacionarmos em coletivo. Nós como extensão. Só existirá o Norte Comum, esse movimento com força de mudança, enquanto o cuidado que a gente tem um com o outro permanecer vivo. Essa percepção é muito fruto da nossa relação com o Hotel, e das transformações que o Hospital experimentou a partir do trabalho da Nise da Silveira e de seus discípulos, como o Vitor Pordeus. Esse cuidado é um dos principais legados entre os grupos que trabalham lá. A galera é muita unida. O CRUA, e a Vô Pixá Pelada dialogam em diversas áreas, e tem muito em comum, além da forma de se organizar. É importante ressaltar essa reapropriação do Hospital como um espaço que pensa a saúde em suas várias formas. Esse foi um ponto de virada no Norte Comum, da gente pensar cultura e arte como elementos dentro de diversos outros. Quer dizer: Saúde, direito à memória, à cidade, habitação, enfim... Várias outras questões que perpassam o fazer artístico. O grande ensinamento da vivência no Hotel pro Norte, ao meu ver, é esse cuidado com a outra pessoa; sempre se preocupar em como você irá afetar a outra pessoa no seu fazer - **ju**



E é nessa encruzilhada entre arte e ciência que tomamos o que é nosso por direito. A arte na construção comunitária e a ciência na lembrança do que está gravado em nós. Pois nossa história e ancestralidade pautam o nosso percurso, a nossa saúde mental.



“Cuidar do outro é cuidar de mim, cuidar de mim é cuidar do mundo.” (Ray Lima, Ciranda)<sup>3</sup>



Como é essa relação desenvolvida com os clientes diante de toda essa situação que se sabe que acontece? Você tem vínculos de amizade? É muito forte, você acaba conhecendo a história deles, desde a infância até por onde passaram. Eu já presenciei maus tratos também. Você cria um vínculo bem pessoal; quando sai daqui, sente saudade, pensa na pessoa, você tá num lugar e pá, “vou levar isso pra Luciene, porque ela vai gostar”. São amizades que valem a pena.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://wwwcenopoesiadobrasil.blogspot.com.br/>>.



“A minha geografia é a da amizade; me coloque para tomar cerveja no inferno com um do peito e o inferno será o meu país acolhedor.”<sup>4</sup>



### **abayomi**

abay = encontro  
omi = precioso



### **constelação**

*substantivo feminino*

1. Grupo de estrelas fixas que, ligadas por linhas imaginárias, formam também uma figura imaginária, a que corresponde um nome especial.
2. [Figurado] Conjunto de adornos brilhantes.

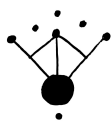


O que é um ponto numa cidade? O que é uma construção destinada à disciplina dos corpos? Por excelência, a gente tem a oportunidade de implodir uma instituição que não dá mais conta de uma experiência ativa da vida, pra que a gente possa florescer e propagar cada vez mais a renovação de quem nós somos. Uma atualização do desejo. O Hotel da Loucura, pra mim, nada mais é do que uma parte do processo que é a própria vida na cidade. Que tanto normatiza e homogeniza o comportamento das pessoas que isso reflete no corpo, na mente, e na saúde. O Hotel é um espaço, é um ponto que não existe numa cidade, porque só existe dentro de nós. É uma memória, positiva pra curtição de novos desafios que, a todo o momento, encontramos. A cidade, em escalas muito grandes, forma uma massa de coação de símbolos, corpos máquinas estão nos coagindo constantemente. Estar num espaço com um afeto catalisador que passa pelas pessoas de uma forma tão duplicadora, permite que nós levemos o Hotel para todos os lugares, e para todas as pessoas que estão convivendo com a gente. O Hotel é revolucionário enquanto resistência afirmativa, ele transforma as pessoas a partir do que elas são. E não como uma ideia externa que se impõe ao comportamento humano. Ele não vai de encontro, e sim ao encontro. É a resistência mais positiva que eu já vi na é um espaço libertador, de cuidado, de transformação. Um ponto não é nada, o

---

4 Luiz Antônio Simas (2015).

que é um ponto? Um ponto não existe. Existe sim um afeto, algo que tem que ser compartilhado por todos, que é aquilo que nos mantém vivos e que sustenta o desejo de continuarmos vivendo aqui - **edu**



Existem movimentos contra-hegemônicos que mudam o posicionamento das pessoas, configurando relações antes impensáveis na cidade. O Hotel é um dos lugares que possibilitam esses encontros, essas relações. De forma não efêmera, pela intensidade do contato, não tem como a pessoa passar ilesa por ali. O Hotel se apresenta como um movimento contra-hegemônico pelo impacto que ele causa nos que se permitem vivê-lo. Quantas vezes já escutamos de pessoas que vão ao Sarau, que não conseguem saber quem é ou não é usuário do sistema de saúde? - **ju**

A construção que acontece no Hotel vai contra tudo que foi feito na história da cidade, criada para “atender” um sistema político segregador. É a retomada de um espaço construído pra segregar e sua transformação em um espaço de união - **gê**



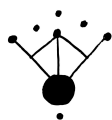
Ali acaba funcionando como uma aldeia para as pessoas que não se adequam a determinado tipo de formato que é dado pela produção artística da cidade. Acaba sendo uma prática de uma utopia possível... Como é esse sentimento de liberdade dentro do hospício?

Acho que pelo fato de ser um espaço autogestionado, compartilhado por uma galera, esse já é um gatilho para gerar algo muito bom entre as pessoas, até porque é a gente que está gerindo, sem nenhum apoio, então um coletivo apoia o outro da maneira que dá. O toque experimental é muito forte entre todos os grupos presentes ali. Desde o Teatro a vocês também, o pessoal do áudio visual... E aquele espaço proporciona isso, até pela dimensão dele. Experimentar coisas de grandes proporções, com bastante pessoas.

Como vocês lidam com os resquícios do Hospício?

É bem estranho, um dos principais símbolos desse lugar, além das grades, são os cadeados e as chaves. Isso aqui é tudo chave daqui. Quando você chega, e vai conhecendo e se integrando com o espaço, você vai ganhando chaves, e entendendo cadeados e

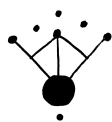
portões. A gente ainda está fortemente ligado a isso. Trancamos as coisas, botamos cadeados. Isso mostra que o hospício está vivo, a todo vapor. E faz a gente pensar muito nosso papel aqui dentro. O que de fato queremos fazer nesse espaço, ainda cheio de chaves. É bem difícil quebrar isso ainda, mesmo pra gente com todo esse processo experimental, livre, autônomo, autogerido.



Tem um território mental, lá, estabelecido. Esses territórios subjetivos que dão sentido as coisas. Tem que se criar uma ficção pro espaço, é a ficção que segura a onda, porque senão iríamos subir e fazer guerra no andar de cima. A gente se liberta fingindo que aquelas grades não atrapalham a visão - **carlos**



Como vocês pensam as instalações das baias? Na real, a nossa principal ideia, desde o começo, é criar espaços expositivos pra galera poder pôr trabalhos e levar trabalhos para as pessoas que estão ali dentro. Com esse princípio a gente transformou o antigo refeitório da enfermaria numa galeria de arte. Pra trazer esse desafio do cubo branco, clássico da galeria, e ver como funcionaria ali dentro, com janelas, com grades, e aquele sol todo. Como uma caixa cênica; levar o pessoal pra expor, e experimentar bastante.



O hotel é o espaço da utopia, de construir o novo. Não que não se pareça com o lado de fora, mas consegue superar umas dificuldades que temos no dia a dia. Como a de enfrentar os conflitos de uma maneira mais humana e instaurar esse lugar de debate, de discussão, de discordância e de convivência - **carlos**

A fantasia saiu um pouco do circuito do dia a dia de todo mundo, e o Hotel nasce como um lugar onde a fantasia é levada a sério - **alice**



### **gen-te**

(latim *gens*, *gentis*, conjunto de pessoas com o mesmo nome, raça, família)  
*substantivo feminino*

1. Conjunto indeterminado de pessoas.
2. Conjunto dos habitantes de um território, país. = POPULAÇÃO, POVO
3. .Gênero humano. = HUMANIDADE
4. Alguma ou algumas pessoas (*em oposição a ninguém*).
5. Grupo de pessoas com afinidades ou interesses comuns.

6. Grupo de homens armados. = BANDO
7. Índole das pessoas.
8. Ser humano. = PESSOA
9. Os membros de uma família.



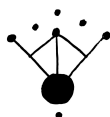
As tradições, aprendidas ou herdadas no âmbito familiar e comunitário, se transformam em alternativas e caminhos de educação e desenvolvimento. Há algo surpreendente na possibilidade das pessoas se olharem nos olhos, para que se recordem o motivo pelo qual estão aqui.



“Ouço seus olhos / de inteiro abraço / entrego meu coração / nas águas de outro mundo.” (Pablo Meijueiro, 2015)



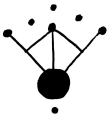
Vive-se um tipo de cegueira generalizada, produtora de guerra, pobreza, racismo, e muito dinheiro na mão de (famílias) instituições políticas e jurídicas empenhadas em censurar e restringir potenciais democráticos. Tripalium e não trepam, fabricam e não brincam, destroem demais, pois não existe espaço para a manifestação de nossa incompletude, dos rios que nos separam e das águas e afluentes que nos aproximam.



Realmente, a Rua Carioca e todas essas ruas que surgiram depois da Primeiro de Março ainda não encontraram uma verdadeira utopia compartilhada pelas pessoas. Porque até então se jogava merda pelas janelas. Os portugueses tinham hábitos que giravam em torno do urinol. E o que tinha na rua eram pessoas querendo ganhar dinheiro. Quem não era da máfia portuguesa estava precisando sobreviver. A rua brasileira sempre foi o encontro de diversos interesses, muito guiados pelos interesses europeus, nunca algo por nós planejado. O carioca sempre andou na cidade assistindo a paisagem. Encontrou no seu semelhante formas de convivência não institucionais através da religião, do samba, futebol, pilequi, poesia... Foi assim que se construiu algo que resistisse ao que estava nas instituições, na escola, no serviço militar, na polícia, na família. Mas a rua do carioca ainda está por acontecer! - **edu**



Queria que você falasse um pouco da influência do funk nas criações. A gente gosta muito de funk, tá sempre escutando, procurando músicas novas. E quando a gente saía pra fazer ações na rua, cantávamos muito essas músicas. Até como forma de disfarçar mesmo, pra quem estava na rua olhando o que a gente estava fazendo. A gente estava cantando e dançando, e a partir disso começamos a fazer músicas nossas, funks com temáticas que o coletivo estava trabalhando. Nos identificamos com a batida, é uma linguagem que alcança rápido.



A crise não é a pobreza, a pobreza é parte do sistema, planejado para ter pobreza. O que eles não gostam é quando o pobre aparece. E se tu for ver esses espaços que criaram para os desviantes, para os marginais e os loucos, a prisão e o hospício são tipo irmãos gêmeos. E uma coisa que a cidade não destina ao pobre é o espaço, a moradia. E é aí que vem a favela. A favela é a resistência pelo direito a um espaço na cidade. E quem são essas pessoas? São os descendentes de africanos, de índios, são os rurais vindo dos interiores do Brasil, são os nordestinos que surgem na paisagem dos grandes centros. E se tu for ver é fichinha, quem tá na favela são essas pessoas, que são as mesmas que estão no presídio, e no hospício. A maioria das pessoas que você conhece lá no Hotel são de classes populares, de áreas periféricas, vem da rua, às vezes não tem casa. Pra você ver como a sociedade é projetada para interditar os seres humanos que não interessam à paisagem capitalista - **carlos**

O sistema público/manicomial é muito cruel para grupos muito específicos. Quem são os loucos do manicômio? Só os pobres enlouquecem? Viramos o espaço do avesso, fazemos o contrário do que está sendo dito implicitamente para ser feito, rindo da cara do Estado - **gabi**

É muito difícil dar continuidade a um trabalho num espaço público. No centro da cidade isso é inviável, porque são espaços que interessam ao planejamento político e urbano. O hospício é tão deixado de lado que a gente é capaz de ocupar por três anos um prédio público, do jeito que estamos ocupando, tensionando vários limites, sem grandes problemas com o poder público, e isso reflete também o quanto está abandonado - **carlos**



### **a-gente**

(*latim agens, agentis, que produz efeito, ativo, forte*)

1. Que opera = ativo ≠ paciente, passivo
2. O que opera ou é capaz de operar. ≠ paciente
3. Pessoa ou empresa que promove negócios alheios.
4. Causa, princípio.
5. Autor.
6. Sujeito de oração ativa.
7. Causa motriz. = potência



Temos que ter a ousadia de inventar um Brasil possível, com capacidade de acolher e produzir ninhos, onde a qualidade da relação transforme a informação em conhecimento, pois educação é a invenção humana para transmitir o humano, e temos a sorte de esbarrarmos na incapacidade de o futuro acontecer como prometido.



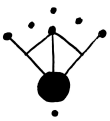
### **Oriki de Oxalufã**

*A lesma no conforto  
do caracol  
não vê o sol.*



Como a gente consegue transpor os muros daqui?

É bem delicado, não tem muita diferença na forma de lidar com as coisas, tanto aqui dentro como lá fora. Claro que aqui a gente sai com uma visão diferente de como as coisas estão sendo praticadas aqui fora. Eu não trato as pessoas aqui como doentes, nem as pessoas aqui fora. Eu consigo entender que as pessoas que estão aqui fora, estão muito mais debilitadas na maioria das vezes, do que as que estão aqui dentro encarceradas...



Talvez pra sair de lá teria que se pensar num procedimento que instaure a mesma coisa que o teatro faz, porém de outras formas. Ali dá certo daquela forma, mas não necessariamente aquela forma se aplica a outros espaços. Contudo, vamos abrir as artes, animar o conhecimento para todos os espaços da vida. Superar essas heterotopias de desvio, superar o descontrole... Quem sabe, para pluralizar o que o Hotel oferece, devêssemos procurar praças públicas, ou não lugares, o metrô, o ponto de ônibus - **edu**



Eu queria problematizar nossa relação com o mundo real. Todo mundo sabe o quanto de bem o Hotel faz pra gente. E o quanto daquilo ali pode ser um mundo real, um mundo possível. Fora dele, temos caminhos mais pré-estabelecidos, estamos menos suscetíveis ao lúdico, a brincar com os caminhos. É a relação com o Sesc, editais, busca de recursos, estrutura de trabalho. A forma que vivíamos ali era mais saudável, nos afetava de maneira positiva, o carinho, o abraço. Saber que a sua presença faz uma diferença do caralho pra Luciene, trocar uma ideia com ela pela manhã, quantas possibilidades não apareceriam. O que seria então o mundo real? - **ju**



### **co·le·ti·vo** *lèt*

(*latim collectivus, -a, -um, recolhido*)

adjetivo

1. Que forma coletividade ou provém dela.
  2. Que pertence a ou é utilizado por muitos (ex.: obra coletiva; transporte coletivo).
- substantivo masculino
3. Conjunto de indivíduos que formam uma unidade em relação a interesses, sentimentos ou ideais comuns (ex.: coletivo de artistas). = COLETIVIDADE, COMUNIDADE
  4. [Gramática] Diz-se de ou substantivo que, mesmo no singular, representa pluralidade (ex.: as palavras bosque, dúzia, multidão, rebanho são coletivos).



“Certos grupos são mais perigosos quando se divertem do que quando odeiam.”<sup>5</sup>

[outras publicações relevantes]<sup>6</sup>

5 Marcelo Yuka. *Astronautas Daqui*. São Paulo: LeYa Brasil, 2012.

6 Miranda, R. *Corpo-espaço – Aspectos de uma geofilosofia do corpo em Movimento*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. || De Certau, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. || *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [online].

\* O Norte Comum atua na Zona Norte do Rio de Janeiro desde 2011. Aproxima as pessoas do seu pensamento acerca da cidade, e tem na amizade sua base mais sólida de organização. O texto para o Caderno de subjetividades contou com muitas mãos para sua realização, mas teve como “Cambonos”: Pablo Meijueiro e Gabriela Faccioli, ambos integrantes do NC desde o princípio.